

## DAVIS, Mike. *Apologia dos Bárbaros: ensaios contra o império*. São Paulo, Boitempo, 2008.

**Rodrigo Nobile**

*Mestre pelo PROLAM da USP e Pesquisador do Laboratório de Políticas Públicas (LPP) da UERJ.*

Nada mais apropriado em ano de eleição majoritária, que lançar um livro que dissequie a conjuntura política interna de um país, bem como a sua política externa. Mais apropriado ainda é o fato do livro tratar da potência imperial contemporânea e ser escrito por um dos mais originais e rigorosos intelectuais marxistas dos Estados Unidos. Rapidamente, o leitor perceberá que *Apologia dos bárbaros* propicia uma leitura marxista oxigenada, muito distante dos esquematismos e dogmatismos que muitas vezes desmerecem essa filiação teórica.

O urbanista Mike Davis é um intelectual de origem humilde – na juventude ganhava a vida como caminhoneiro em Los Angeles – e escreveu textos de referência em sua área como *Cidade de quartzos* e *Planeta Favela*<sup>1</sup>, que se tornaram rapidamente referência obrigatória entre aqueles que se ocupam da problemática das cidades. Davis justificou que uma das razões da escolha do tema seria que as grandes cidades – principalmente suas periferias – estão se tornando pontos geopolíticos onde se darão os enfrentamentos políticos fundamentais dos próximos anos; onde urbanização da pobreza significa urbanização das resistências, forjando os novos sujeitos revolucionários do século XXI.

Imensas populações, às quais os cientistas sociais deveriam atentar-se, vivem em áreas sem serviços e segurança pública, encontrando-se sob forte influência de atores fáticos como igrejas neopentecostais; organizações não-governamentais (ONGs); narcotráfico; crime organizado e movimentos sociais de todos os tipos. Os produtos desse embate ideológico e político são imprevisíveis. As únicas aparentes certezas são que as formas de organização da esquerda tradicional como os partidos e sindicatos, bem como seu discurso, parecem não ter o menor atrativo e que os estrategistas e militares estadunidenses estão se preparando para a batalha nas periferias.

Ademais, detalha os meandros da política interna e externa estadunidense, explicitando as conexões, complementaridades e contradições entre ambas, discussão que situa-se no marco mais amplo da macro-sociologia e da economia-política sobre a natureza da crise do império, do qual o autor e, particularmente, esse livro participam. Questões-chave como: Seria uma crise terminal da hegemonia norte-americana? Seria apenas uma crise periódica inerente ao próprio sistema e necessária à manutenção da hegemonia? Quais seriam os elementos que ajudariam a entender a crise e seus desdobramentos? A dependência e alta do petróleo? O desaquecimento da economia norte-americana e os crescentes déficits comerciais? O crescimento chinês e a maior imbricação entre as duas economias? Os problemas militares e políticos enfrentados no Iraque e Afeganistão?

Entre os principais interlocutores que atualmente trabalham este tema nos Estados Unidos, poderíamos citar Perry Anderson, Noam Chomsky, Mike Davis,

David Harvey, Giovanni Arrighi, James Petras, Immanuel Wallerstein. No âmbito latino-americano o Grupo de Estudos sobre Estados Unidos do Conselho Latino Americano de Ciências Sociais (CLACSO), coordena os esforços de pesquisadores latino-americanos e norte-americanos que pensam estes temas. No que se refere ao Brasil, Carlos Eduardo Martins, José Luís Fiori, Emir Sader, Theotonio dos Santos, Maria Conceição Tavares, entre outros, estão na dianteira.

Esse debate encontra-se polarizado e divide-se basicamente em duas correntes. A que defende que o imperialismo norte-americano, em crise, está declinando. Fundamenta que a emergência da China como nova locomotiva econômica mundial; o unilateralismo, o belicismo e a seqüência de mentiras implicaram em uma crise de legitimidade; o crescente déficit comercial; os problemas enfrentados no Iraque e Afeganistão; entre outros, seriam sinais deste declínio. Os que se filiam à outra corrente acreditam que as contradições e crises são inerentes do próprio sistema capitalista, que delas necessita para se fortalecer e expandir. O dólar como única moeda de troca internacional e o comando dos grandes meios de comunicação seriam elementos de força. Além disto, uma avaliação de cunho político-ideológica da crise, demonstraria a vitalidade do *American way of life*, que conseguiu se impor mundialmente e reina incontestemente após o virtual desaparecimento do socialismo real, com a queda do Muro de Berlim.

Para além do circuito acadêmico, essa mesma discussão pode ser encontrada no seio dos movimentos sociais, partidos políticos e ONGs. O mais amplo e plural arquivo, embora não muito sistematizado, pode ser encontrado no site do Fórum Social Mundial, que reúne as contribuições a este debate no âmbito da Comissão de Estratégias do Conselho Internacional<sup>2</sup>. Como pode-se constatar, esse debate está longe de concluir-se.

Nesse contexto compreendem-se devidamente as conseqüências das políticas conservadoras aplicadas pelos últimos governos, principalmente o do governo Bush filho em sua “Guerra contra o Terror”, sepultando o que ainda havia restado do *New Deal* norte-americano. Isenções fiscais aos milionários; subsídios e isenções fiscais às grandes corporações privadas; canalização das verbas governamentais aos brutais massacres no Iraque e Afeganistão e ao sistema de segurança interna; desatenção pública aos migrantes, latinos e negros, evidenciando a clara correlação entre “classe” e “raça”, na qual os brancos ricos são privilegiados, em detrimento dos “pardos” pobres; entre outras ações que multiplicam e radicalizam os espaços de exclusão e violência dentro império.

Em dois blocos de artigos, Davis, com profundo conhecimento de causa, analisa detalhadamente as causas da tragédia em New Orleans e da crise social na Califórnia.

No primeiro caso, mostra que a tragédia provocada pelo furacão Katrina poderia ser amenizada, se o governo Bush não tivesse direcionado grande parte dos homens, equipamentos e recursos da prevenção e auxílio às vítimas, para a “Guerra contra o Terror”. Ao mesmo tempo, indica a promiscuidade entre empresas e governo, na qual as empresas que mais lucraram com a “reconstrução” da cidade foram as mesmas grandes corporações que participaram do saqueio e, posterior, reconstrução do Iraque e Afeganistão.

No outro caso, explica que a crise sócio-econômica vivida na Califórnia, que se fosse um país estaria entre os dez mais ricos do mundo, mas graças à aplicação de políticas conservadoras, deixou o Estado em frangalhos, tornando-o incapaz de prover os serviços básicos à sua população mais necessitada. Conforme o relato de Davis: Na “rica” Califórnia, 43% das crianças vivem abaixo da linha de pobreza, quase o dobro da porcentagem de 1960 e abaixo da média nacional. Não consegue formar mais de 40% das crianças latinas e negras no ensino médio. A induzida especulação imobiliária não permite o acesso à moradia para milhares de famílias. Os hospitais estão à beira de um colapso. Neste bloco, particularmente irônicas são as passagens que tratam do atual governador, o literalmente “Exterminador do Futuro”, Arnold Schwarzenegger.

Como percebe-se, o suposto liberalismo no discurso não resiste à análise rigorosa das políticas. Mostra que a internacionalização e os enormes lucros dos grandes grupos norte-americanos provêm diretamente da atuação do Estado, seja pela política imperialista ou pelas péssimas condições de vida e superexploração de setores excluídos de sua população. Estes, os mais vulneráveis, são os que estão na linha de frente no Iraque, Afeganistão, entre muitos outros conflitos, sem mencionar as dezenas de bases militares espalhadas pelo globo. Seja por meio de empresas que contratam mercenários, ou diretamente pelo próprio exército.

Talvez por ser cidadão americano, Davis mostra-se muito condescendente com a atuação política da população de seus conterrâneos – tanto no que se refere à política externa, quanto doméstica – soando, em algumas passagens, paternalista. De certa forma, ao enfatizar a atuação dos sucessivos governos estadunidenses, das grandes corporações e dos dois grandes partidos, minimiza o papel e a responsabilidade da sociedade norte americana, que mobilizada, desempenhou um papel pacificador importante como no caso da Guerra do Vietnã.

Em resposta a todos estes problemas, o livro também mostra que existe uma crescente insatisfação popular interna, escondida pela grande imprensa e reprimida pelo governo. Afinal, como todo império, seus governantes fazem todo o possível para manter seu centro coeso. Manifestações como o Primeiro de Maio; Revoltas em subúrbios e prisões; Greves; mostram que há, por baixo da “normalidade” aparente, uma sociedade descontente e com desejos de mudança.

Davis ainda analisa neste livro, variados temas com o mesmo brilhantismo, indo da gripe aviária aos carros bombas, dos hábitos dos proprietários de grandes utilitários ao aquecimento global, entre outros temas candentes.

Por fim, cabe destacar o apropriado ensaio de charges do Carlos Latuff, que ilustram com sensibilidade artística e política, toda violência e barbárie tratadas nos textos. Com pitadas de humor, Latuff consegue sintetizar a arrogância e barbárie promovidas pelo governo dos Estados Unidos e grandes corporações, seja no Iraque, New Orleans ou Palestina, sem deixar de lado as heróicas resistências destes povos oprimidos, sua contraparte.

## NOTAS

- <sup>1</sup> *Planeta Favela* (São Paulo, Boitempo, 2006); *Cidade de quartzzo* (São Paulo, Boitempo, no prelo).
- <sup>2</sup> <[www.forumsocialmundial.org.br/dinamic.php?pagina=strategy\\_debate\\_PT](http://www.forumsocialmundial.org.br/dinamic.php?pagina=strategy_debate_PT)>.